

# O Estatuto Categorial das Preposições Acidentais/Atípicas: a Proposição dos “Relatores Circunstanciais” como Classe Gramatical

## The Categorical Statute of Accidental/Atypical Prepositions: the Proposal of “Circumstantial Relates” as Grammatical Class

Marcos Luiz Wiedemer\*  
Myllena Paiva Pinto de Oliveira\*\*

### RESUMO

O objeto de investigação, neste artigo, são as preposições acidentais/atípicas. Analisamos seus usos e, com isso, explicitamos a fluidez dessa classe gramatical, uma espécie de gradualidade, na medida em que podem ser inseridas em diferentes categorizações gramaticais a depender do contexto comunicativo. Como referencial teórico-metodológico, adotamos os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, que coadunam com o princípio de que o estabelecimento de convenções gramaticais é influenciado tanto por estrutura linguística, contexto social e pragmático quanto por aspectos cognitivos. O Iboruna é o Banco de Dados utilizado como amostra para a pesquisa, que reúne dados orais da comunidade de fala do interior paulista. Os resultados apontam seis padrões de usos, em que temos: de um lado, a função relatora caracterizada pela presença de Sintagma Nominal na estrutura subsequente; e de outro, a evidência do aspecto semântico-pragmático comum que todos provocam na estruturam a que se ligam, a função circunstancial. Diferentemente de análises de cunho gramatical, descritivistas e de estudos linguísticos, a partir das evidências aqui apresentadas, denominamos as preposições acidentais/atípicas de “relatores circunstanciais”, “relatores” porque relacionam termos/orações, desempenhando sua função de nexos gramatical, e “adverbiais/circunstanciais” porque, como transpositores, originam construções dessa natureza.

Palavras-chave: Preposições acidentais/atípicas; Fluidez categorial; Relatores circunstanciais.

Recebido em 18 de janeiro de 2020.

Aceito em 10 de março de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.363

\*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mlwiedemer@gmail.com, orcid.org/0000-0003-0924-1030

\*\*Universidade Federal Fluminense, myllenaapaivap@gmail.com, orcid.org/0000-0003-2083-9885

#### ABSTRACT

The object of investigation, in this paper, is the accidental/atypical prepositions, in which we analyze the uses of these items and, with this, therefore, explain the fluidity of this grammatical class, a kind of graduality, in that it can be inserted into different grammatical categorizations depending on the communicative context. As a theoretical-methodological approach, we adopted the of Usage-based Model assumptions, which agree the principle that the establishment of grammatical conventions is influenced by linguistic structure, social and pragmatic context as by cognitive aspects. The oral speech as a sample for the research was Iboruna, from speech community in São Paulo. The results point to six patterns of use of the analyzed elements, in which we have: on the one hand, the reporting function characterized by the presence of Noun Phrase in the subsequent structure; and on the other, the evidence of the common semantic-pragmatic aspect that all cause in the structure to which they attach themselves: the circumstantial function. Thus, unlike traditional, descriptivist grammars and linguistic studies, considering the class of grammatical connections, from the evidence presented here, we call accidental/atypical prepositions "circumstantial relates" because they continue to relate terms/prayers, performing their function of grammatical nexus, and “circumstantial” because, as transposers, they originate constructions of this nature.

Keywords: Accidental/Atypical Prepositions; Grammatical Fluidity; Circumstantial Relates.

## Introdução

A temática de investigação e discussão, neste artigo, são as denominadas “preposições acidentais/atípicas”, seja por autores descritivistas (por exemplo, NEVES, 2011, CASTILHO, 2010, entre outros), seja por gramáticos (CELSO CUNHA, 1972, BECHARA, 2009 e outros). Esta pesquisa se justifica porque diversas formas/itens gramaticais são classificadas como preposições acidentais/atípicas, o que, para nós, evidencia a ideia da fluidez das fronteiras entre as classes de palavras do português brasileiro (NEVES, 2011, CAMACHO, 2011), temática recente de pesquisa no bojo dos estudos funcionalistas. Em outras palavras, o *status* categorial das preposições atípicas/acidentais ainda é um assunto em aberto na pesquisa linguística.

Assim, o objetivo principal é investigar os usos (funcionalidade) das preposições acidentais/atípicas a partir da análise de ocorrências em dados de língua falada do português contemporâneo; e, com isso, evidenciar a fluidez nas classes gramaticais, uma espécie de *gradualidade*, na medida em que os itens podem ser inseridos em diferentes categorizações gramaticais a depender do contexto comunicativo em que estão inseridos (NEVES, 2012a, CAMACHO, 2011). Procuramos, ainda, verificar se entre o grupo de preposições acidentais/atípicas haveria características sintáticas e semânticas comuns a todas: a hipótese é de que tanto desempenham uma função relatora quanto originam construções de natureza circunstancial.

Portanto, oferecemos uma reinterpretação da classe gramatical “preposição acidental/atípica”, na qual defendemos a denominação “relatores circunstanciais”, pois fazem relação tanto entre termos quanto entre orações, mas desencadeiam no elemento subsequente a

função circunstancial, todas formando um *continuum* categorial. Assim, diferentemente das gramáticas tradicionais, descritivas e dos estudos linguísticos, considerando a classe dos nexos gramaticais, denominamos as preposições acidentais/atípicas de “relatores circunstanciais”, “relatores” porque continuam relacionando termos/orações, desempenhando sua função de nexo gramatical, e “adverbiais/circunstanciais” porque, como transpositores, originam construções dessa natureza.

Para tanto, assumimos os pressupostos teórico-metodológicos dos Modelos Baseados no Uso (LANGACKER, 1988, BARLOW & KEMMER, 2000, CROFT & CRUSE, 2004). Assim, coadunamos com o princípio de que o estabelecimento de convenções gramaticais é influenciado tanto por estrutura linguística, contexto social e pragmático quanto por aspectos cognitivos. Por isso, a amostra que serviu de base para esta pesquisa é proveniente do Banco de Dados Iboruna, resultado do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista – GONÇALVES, 2007), que registra a variedade oral do português da região noroeste do estado de São Paulo (século XXI).

Este artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, revisitamos o conceito de preposição acidental/atípica nas gramáticas de língua portuguesa e a visão dos linguistas sobre o tema. Propomos, na segunda seção, uma reflexão crítica sobre as categorias discretas propostas sobretudo pela tradição gramatical. Por sua vez, na terceira seção, desenvolvemos nossa análise, evidenciando os seis padrões encontrados durante a pesquisa no *corpus* Iboruna. Utilizamos a quarta seção para retomar os resultados obtidos ao longo da pesquisa, sistematizando os padrões encontrados, bem como para justificar a proposta da nova nomenclatura para a classe analisada, advérbio preposicional. Na seção final, intitulada “Considerações Finais”, representamos a inserção dos relatores adverbiais na classe nos Nexos Gramaticais.

## **1. As preposições acidentais/atípicas: a circularidade das definições**

O primeiro problema que se apresenta para os estudiosos interessados nas preposições acidentais/atípicas está na própria conceituação dessa categoria, que não é, absolutamente, pacífica. Para definir e delimitar o que venha a ser uma preposição acidental/atípica, requer-nos revisar as acepções já consagradas nas gramáticas (ver quadro a seguir), bem como a visão dos linguistas sobre o assunto. Dessa forma, primeiramente, verificamos as definições adotadas pelos gramáticos para o estabelecimento dessa classe gramatical, que são apresentadas no quadro (1), bem como os elementos que esses estudiosos consideram pertencentes a tal categoria.

**Quadro 1.** As preposições acidentais/atípicas nos compêndios gramaticais

<b>Gramática (Ano)</b>	<b>Autor</b>	<b>Definição</b>	<b>Preposições Acidentais</b>
<i>Nova Gramática Portuguesa</i> (1950)	Ernesto Carneiro Ribeiro	Preposições que originalmente pertencem à outra categoria.	<i>segundo, conforme, mediante, durante, excepto, salvo, afóra, não obstante, consoante, tirante, salvante, visto, posto, supposto, atento</i>
<i>Gramática Secundária da Língua Portuguesa</i> (1964)	M. Said Ali	O autor não reconhece a categoria preposições acidentais, logo não fornece definição sobre o tema. Entretanto, insere em sua lista elementos que até aqui classificamos dessa forma.	<i>exceto, salvo, salvante, tirante, fora, afóra e durante</i>
<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (1972)	Celso Cunha	Palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, às vezes funcionam como preposições.	<i>afóra, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto etc.</i>
<i>Gramática Normativa da Língua Portuguesa</i> (1974, 1982 [2011])	Rocha Lima	Palavras de outras espécies que podem figurar como preposições.	<i>exceto, durante, consoante, mediante, fora, afóra, segundo, tirante, senão, visto</i>
<i>Gramática Metódica da Língua Portuguesa</i> (1983)	Napoleão Mendes de Almeida	Palavras de outras classes que eventualmente são empregadas como preposição.	<i>conforme, consoante, durante, exceto, mediante, menos, salvante, salvo, segundo, tirante</i>
<i>Moderna Gramática Brasileira</i> (1986)	Pedro Celso Luft	Palavras de outras classes que podem funcionar também como preposições.	<i>como (=na qualidade de), conforme (=de acordo com”), consoante, segundo (=conforme”), durante, mais (=com), mediante (=com), visto (=por) etc.</i>
<i>Gramática Resumida</i> (1988)	Pedro Celso Luft	Palavras de outras classes gramaticais que, cumulativamente, podem figurar como preposições.	<i>afóra, como (=na qualidade de), conforme (=de acordo com), consoante, durante, exceto, fora, mais (=com), mediante (=com), menos, salvante (=exceto), salvo, segundo (=conforme), tirante (=exceto), vistor (=por) etc.</i>
<i>Moderna Gramática Portuguesa</i> ([1974], 1983, 2005, 2009)	Evanildo Bechara	Palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições.	<i>durante, como, conforme, feito, exceto, salvo, visto, segundo, mediante, tirante, fora, afóra etc.</i>
<i>Nova Gramática Aplicada de Língua Portuguesa</i> (2007)	Manuel Ribeiro	Palavras que passaram a ser usadas como preposição.	<i>durante, conforme, visto, segundo, mediante, como (=na qualidade de), consoante</i>
<i>Nova Gramática do Português Contemporâneo</i> (2011)	Celso Cunha e Lindley Cintra	Palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições.	<i>afóra, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto etc.</i>

FONTE: Adaptado de OLIVEIRA, 2016.

As informações encontradas nas gramáticas e aqui apresentadas mostram que, mesmo nos compêndios gramaticais, a classe de preposições acidentais/atípicas se caracteriza não por uma rigidez completa, mas faz esses autores hesitarem em proceder a uma classificação definitiva. É claro que há aqueles que tentam fixar alguns itens/exemplos na categoria preposições acidentais/atípicas como se ali pudessem permanecer perenemente, deixando transparecer até uma ideia de elementos típicos da classe, sem dar explicações e descrições de tal seleção (BECHARA, 1974 [1983], 2005, 2009; RIBERO, 2007). Contudo, outros deixam entrever uma categoria mais flexível, passível de novos elementos, como no caso em que se insere *etc.* ao fim da lista, sinalizando ao leitor que há novos candidatos àquela vaga (LUFT, 1986), ou quando utilizam a palavra “funcionar”, dando indícios de que há condições de uso para que seja categorizado como preposição atípica/acidental (CUNHA; CINTRA, 2011).

Observando as diferentes definições dadas pelos gramáticos para a classe gramatical das preposições acidentais/atípicas, conforme quadro (1), acima, fica evidente que todas as definições podem ser resumidas em uma única acepção: *uma palavra/item de outra classe que está sendo usada como preposição*. Dessa forma, é importante perceber que esses autores fazem referência à ideia de preposição, ou seja, elementos que não são preposição, mas funcionam como uma preposição.

Sobre as preposições, Cunha e Cintra (2011, p. 555) afirmam que “são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente)”. Bechara (2005, p. 289), por sua vez, define preposição como “unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a outra palavra para marcar as relações gramaticais que ela desempenha no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações”.

Assim, de um ponto de vista tradicional, não há divergência a respeito do status da preposição como unidade funcional que relaciona elementos na sentença. A maioria das gramáticas tradicionais enfatiza a função relacional das preposições (por exemplo, ROCHA LIMA, 2011), além de suas propriedades de invariabilidade, em que “o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo sentido do segundo (consequente)” (CUNHA, 1972). Apesar disso, o fato de serem consideradas unidades funcionais não implica que sejam desprovidas de valor semântico, pois privilegiar a forma de unidade linguística é “notável negligência de assuntos de conteúdo e de contexto” (SALOMÃO, 1990, p. 1).

Por sua vez, Azevedo Filho (1966), Bechara (1983), Luft (1986) e Rocha Lima (2011) não assumem inteiramente que a preposição seja uma palavra invariável. Na perspectiva desses gramáticos, as preposições são abordadas exclusivamente em termos da sua função relacional,

sem se atribuir propriamente um significado ou significados básicos a cada uma delas, o que os leva a fornecerem, unicamente, uma lista de preposições.

Não observamos, contudo, em definições como essas, a previsão de que essas preposições possam encabeçar uma oração reduzida, na condição de um modificador adverbial. Vejamos os exemplos (1) a (3), a seguir.

(1)

*Após Rock in Rio, Pink retorna **para casa** e é recebida por filho de 2 anos entregando flores  
Cantora mostrou vídeo fofo no Instagram ao lado de Jameson: 'Feliz boas-vindas. Homem-aranha e flores'.<sup>1</sup>*

(2)

*Fã que levou Slayer **para comer hambúrguer**, em 1994, quer reencontrar banda no Rock in Rio  
Após ligar para o quarto de hotel onde estava hospedado o vocalista Tom Araya, fã foi atendido, tirou fotos e levou a banda para fazer um lanche em Copacabana.<sup>2</sup>*

(3)

*Não sabe como se organizar **para tirar os seus planos do papel**?  
Aplicativo financeiro mostra o que fazer para chegar lá<sup>3</sup>*

O [1] é um exemplo em que o *para* ocupada a posição de preposição, está em conformidade com a categoria descrita pelos gramáticos mencionados. Trata-se de uma preposição selecionada pelo verbo *retornar*, que exige um complemento locativo, portanto o *para* tem função de alvo espacial, uma função meta mais concreta (casa).<sup>4</sup>

No exemplo [2], percebemos que o *para* ainda resguarda uma noção de deslocamento no espaço que é influenciada pela presença do verbo *levar*, que poderia demandar a inserção de um espaço no qual se comer o lanche. Contudo, já se percebe no contexto uma noção circunstancial de finalidade, sobretudo pela presença do verbo no infinito sendo encabeçada pela preposição.

---

1 Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/guiabolso/noticia/nao-sabe-como-se-organizar-para-tirar-os-seus-planos-do-papel.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2019.

2 Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/10/04/fa-que-levou-slayer-para-comer-hamburguer-em-1994-quer-reencontrar-banda-no-rock-in-rio.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2019.

3 Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/guiabolso/noticia/nao-sabe-como-se-organizar-para-tirar-os-seus-planos-do-papel.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2019.

4 Sobre as preposições que complementam verbos de movimento, Wiedemer (2014, p. 117) afirma que “no PB, as preposições desempenham, primeiramente, na ordem da oração, a função relacional. O relator, a preposição, faz a função de exprimir uma relação local entre o objeto localizado e um objeto de referência/ponto de referência. Com verbos que exigem um objeto localizado, que apresenta uma relação com um ponto de referência (essivo, alativo, ablativo ou perlativo), ocorrem as preposições”.

Por sua vez, o *para* do dado [3], dando sequência ao *continuum* de mais concreto ao mais abstrato, introduz uma oração reduzida de infinitivo que têm valor circunstancial de finalidade, mas, diferentemente dos anteriores, não encerra uma noção deslocamento no espaço. A oração anterior “se organizar” é modificada pela oração “para tirar seus planos do papel”. Não é mais o verbo que seleciona a preposição *para* na oração, mas a necessidade de dar mais informações ao enunciado.

Poggio (2002, p. 38) comenta que “uma teoria da gramática deve tentar explicar as regras da língua, em termos de sua funcionalidade, em relação aos modos como são usadas e em relação aos fins desse uso”. A gramática normativa, como sabemos, cumpre sua função, qual seja: *prescrever as normas da língua*. Mas, ainda que de forma bastante sutil, detectamos alguns pontos de flexibilidade em relação às classes nas definições das preposições acidentais, como discutiremos mais adiante.

Diferentemente da gramática tradicional, as gramáticas descritivistas, no geral, desenvolvem o tema, tangenciando entre aspectos semânticos e morfossintáticos. Elaboramos, então, com base em nesses estudiosos, o quadro (2), resumitivo, contendo as definições de preposições acidentais/atípicas desenvolvidas e os itens/exemplos que os autores consideram pertencentes a tal categoria.

**Quadro 2.** Preposições acidentais/atípicas na perspectiva descritiva<sup>5</sup>.

<b>Gramática (Ano)</b>	<b>Autor</b>	<b>Definição</b>	<b>itens</b>
<i>Gramática do Português</i> (2013)	Raposo <i>et al.</i> (Org.)	Preposições que têm algumas, mas não todas, propriedades que caracterizam a classe.	<i>conforme, consoante, segundo, durante, mediante, obstante, senão, exceto, salvo, menos, fora, eis</i> <sup>6</sup>
<i>Gramática de Usos do Português</i> (2011)	Maria Helena de Moura Neves	Elementos de outras classes gramaticais que estão se gramaticalizando como preposições e se usam em contextos restritos.	<i>durante, mediante, consoante, não obstante, tirante, visto, salvo, exceto, feito, inclusive, exclusive, fora, afora, menos, incluso, excluso, conforme, como, senão, segundo</i>

continua

5 Castilho (2010) e Perini (2010) não apresentam definições para preposições acidentais em suas gramáticas.

6 Não há uma conclusão definitiva sobre a classificação do elemento.

<b>Gramática (Ano)</b>	<b>Autor</b>	<b>Definição</b>	<b>itens</b>
<i>Gramática Descritiva de la Lengua Española</i> (1999)	Ignacio Bosque e Violeta Demonte (Org.)	Partículas que normalmente não se classificam no grupo de preposições, mas apresentam semelhanças com a classe, ainda que se diferenciem em alguns pontos.	<i>durante, mediante, obstante, embargante, exceto, salvo, menos, incluso, segundo</i> <sup>7</sup>
<i>Gramática Pedagógica do Português Brasileiro</i> (2012)	Marcos Bagno	Demais preposições que resultam de evidentes processos de gramaticalização, de recategorização de itens que prolongam seu campo de ação para outras funções gramaticais.	<i>chega</i> <sup>8</sup> , <i>durante, exceto, mediante, salvante, salvo, tirante, visto, via, segundo, malgrado, conforme, embora</i>

Fonte: adaptado de OLIVEIRA (2016).

Como podemos observar, os autores, nas definições apresentadas no quadro (2), apesar de mencionarem a gramaticalização e o recrutamento de itens não originalmente pertencentes ao grupo das preposições, não apresentam uma definição para esse grupo de itens. Assim, de alguma forma, apesar de bastante remota, ambas as visões – tradicional e descritiva – para esse assunto no geral conduzem a um pensamento crítico em relação às preposições acidentais.

É evidente a polifuncionalidade que desempenham as preposições acidentais/atípicas. Isso se deve, provavelmente, ao desenvolvimento histórico do português desde o latim até o seu estabelecimento de um paradigma no PB, em que outros elementos, por processo de gramaticalização, passam a desempenhar funções de preposições. Assim, em algumas situações, as preposições desempenham um papel puramente sintático; em outros contextos, podem satisfazer uma necessidade comunicativa e trazer o seu conteúdo semântico. Conceber que algumas preposições dependem mais do estatuto sintático ou semântico e outras mais do contexto pragmático é reafirmar a gradualidade da mudança linguística.

Contudo, é principalmente na gramática descritiva que está em destaque o lado *circulante* das palavras na nossa língua, suas várias possibilidades de usos, os aspectos prototípicos e marginais que os itens (cf. CAMACHO, 2011) podem ter em relação a uma determinada categoria. Nelas encontramos descrições mais aprofundadas, pautadas em teorias e pesquisas que avalizam os elementos listados e suas definições. Os autores, em geral, lançam mão da noção de gramaticalização nos estudos das mudanças que encontraram na categoria em foco. E essa perspectiva é importante porque, na teoria funcionalista, a *fluidez categorial* – da qual

7 Alguns estudiosos da língua espanhola incluem *segundo* (em espanhol, *según*) no grupo de preposições regulares da língua.

8 Não se chegou a uma conclusão definitiva sobre a classificação do elemento.

trataremos na próxima seção – não implica mudança de classe, mas extensão de função, que, por sua vez, está muito relacionada à gramaticalização (RAMOS e SILVA, 2014).

## 2. A fluidez categorial e a extensão funcional

Nos compêndios gramaticais, em geral, se distribuem os itens da língua em classes de palavras, como se expressassem características estanques e fixas no uso. Isso se dá muito em razão da filiação das gramáticas à tradição filosófica, afinal, foram os próprios filósofos, principalmente os seguidores de Platão, que aprimoraram o conceito de classe de palavras (CAMACHO, 2011).

No cerce da gramática tradicional, inclusive, de modo geral, está um pensamento de que há uma relação entre a linguagem e a lógica, pautando um esquema universal de linguagem (MARTELOTTA, 2009). Ainda de acordo com a tradição normativa, os itens da língua devem ser distribuídos em classes com base em suas características morfossintáticas e até semânticas. Segundo Basílio (2011, p. 17), tradicionalmente damos “o nome de classes de palavras ou partes do discurso a conjuntos abertos de palavras, definidos a partir de propriedades ou funções semânticas e/ou gramaticais”. A autora também afirma, após resumir os diferentes modos de definir os critérios de classificação de uma classe gramatical (estruturalista, gramática escolar etc.), que é preciso considerar critérios semânticos, sintáticos e morfológicos na definição de classes gramaticais.

Em Poggio (2002), encontramos informações sobre as fontes de categorização linguística discutidas por Givón e Lakoff: a teoria clássica e a teoria natural. Na lógica da teoria clássica, as classes gramaticais são discretas e têm características inerentes – pensamento consoante com a gramática tradicional, como vimos; na perspectiva da teoria natural, as classes têm limites imprecisos, e os itens nelas inseridos têm vários tipos de integração e, a partir dessa lógica, estabelece-se o *continuum* categorial, demonstrando as similitudes das classes. Essa noção de *continuum* categorial, defendida por Givón (1979), atende à complexidade das línguas naturais, nas quais, segundo o autor, alguns membros de uma categoria podem ser prototípicos, se apresentarem todos os traços da categoria. Em outras palavras, há itens que não conseguem se “encaixar” perfeitamente em categorias gramaticais por não apresentarem todos os aspectos que, para determinada classe, se estabelecem como padrão.

Assim como nas gramáticas tradicionais, nos dicionários, na definição das palavras, sempre há a tentativa de enquadrá-las em alguma das categorias gramaticais preestabelecidas. Neves (2012b, p. 104) alerta:

Pensemos no modo como a indicação da categoria é vista pelo consulente do dicionário, que é, naturalmente, usuário da língua, e, por isso mesmo, acionador da gramática da língua: tal indicação é vista, em princípio, como carimbo de pertença irrestrita a uma classe de entidades e como catalogação rígida, e, assim, de recorte inerte e definitivo.

Todavia, como constantemente tais elementos podem perder/ganhar, no uso da língua, características que os fariam cambiar de classe, a rigidez dessa distribuição é muito questionável. Neves (2012b), recorrendo justamente aos dicionários em sua investigação, questiona a forma como neles são categorizados os elementos da língua, os quais algumas vezes parecem receber uma catalogação definitiva. Em sua concepção, tanto para categorias ditas lexicais como para as gramaticais, são recorrentes uma propriedade e um processo nas línguas, a saber:

(i) a **gradualidade** existente no estabelecimento de categorizações, resultante do caráter fluido das fronteiras entre as categorias (a diluição das fronteiras); (ii) a forte tendência de encaminhamento dos itens para funções (mais) gramaticais (a gramaticalização) (NEVES, 2012b, p. 110, GRIFO NOSSO).

Em estudos filiados à corrente funcional, como o de Neves (2012a, 2012b), tem-se mostrado que as classes de palavras são formadas por categorias “gradientes”, relativizando-se, portanto, “o postulado da tradição gramatical greco-latina de que classes são entidades discretas e universais” (CAMACHO, 2011, p. 30).

No nosso contexto de análise, por exemplo, veremos que uma das principais outras “classes-funções” que as preposições acidentais podem exercer é a da conjunção – o que demonstra tanto a existência de uma forte interação entre as classes quanto a dificuldade de definir categoricamente em que “classe-função” se insere determinado item (BAGNO, 2012).

Neves (2012a) ainda evidencia o quão importante tem sido os pressupostos da corrente funcional para os estudos sobre classes de palavras, na medida em que por meio dos usos e, principalmente, do conceito de gramaticalização, tem-se detectado uma dificuldade em se estabelecer uma fronteira rígida entre as classes de palavras de uma determinada língua natural. Segundo a autora, existe

a necessidade da relativização de fronteiras categoriais no estudo da linguagem, tomando como evidência aspectos da gramaticalização em português, revelados no uso, e, acima de tudo, mostrando que há propriedades da organização gramatical da língua que sustentam todos os processos, por mais singulares ou individualizados que possam parecer ao exame (NEVES, 2012a, p. 14).

No trabalho de Neves (2012a) é possível depreender que os elementos gramaticais “se configuram com zonas difusas na significação, com superposições funcionais e com imprecisão de fronteiras categoriais” (2012a, p. 112).

Camacho (2011) também discute a questão da categorialidade, dando destaque para as principais classes lexicais, como verbo, nome, advérbio e adjetivo. O problema parece ir além do fato de, por exemplo, palavras como “velho” ora se encontrar na classe dos adjetivos, ora na

classe dos substantivos. O autor destaca que as classes de palavras, nas formas de diferenciação entre si, estão sujeitas a ambiguidade: as definições nocionais que preenchem as gramáticas tradicionais muitas vezes constituem círculos viciosos, “quando aplicadas a nomes abstratos”, por exemplo (CAMACHO, 2011, p. 36). Assevera ainda que só seria possível sair desse círculo se fosse elaborada uma definição que tomasse por base uma distribuição formal, e não ligada à semântica das palavras (LYONS, 1979 *apud* CAMACHO, 2011), como parece ser feita.

Mencionando Câmara Jr. (1972 *apud* CAMACHO, 2011) e Castilho (1998 *apud* CAMACHO, 2011), o autor mostra que os gramáticos parecem estreitar relações com alguma assertiva das tradições gregas, quando afirma que não se pode tomar a definição dos termos nem pela semântica nem pela forma simplesmente, mas, sobretudo, deve-se olhar para a situação comunicativa a que estão atreladas. Nos termos do autor, “o plano discursivo em que opera como mecanismo de interação social” (CAMACHO, 2011, p. 35) é o que parece ser mais relevante nas análises linguísticas.

Ao contrário das teorias que vão estudar a classes de palavras submetendo-as à descrição binária, estrutural, com fronteiras rígidas, as teorias funcionalistas como um todo, adotando o princípio de que a linguagem não é uma faculdade autônoma, mas relacionada com outras competências cognitivas, percebem a classe de palavras como um fenômeno sem limites bem delimitados entre elas próprias. “Esse princípio deriva o postulado de que alguns membros de uma categoria compartilham traços comuns que os definem como prototípicos, e outros que não compartilham todos os traços comuns constituem elementos marginais” (CAMACHO, 2011, p. 43). Essa ideia coaduna com a noção de *continuum* categorial de Givón (1979), vista anteriormente.

É justamente nesse *continuum categorial* que se encontram as preposições acidentais/atípicas, “no processo de encaminhamento de estatutos menos gramaticais para estatutos mais gramaticais, que é exatamente o fato da gramaticalização, no sistema ‘gramática’ da língua. Essas palavras vêm de participios, advérbios, ou mesmo de conjunções que já vieram de participios” (NEVES, 2012a, p. 110). Logo, as unidades linguísticas, no escopo da teoria da gramaticalização<sup>9</sup>, são convencionalizadas por regularidades de usos e de rotinização.

Em Brockelmann, *Grundriß* (1908-13; cf. Voigt 1999, §2 in LEHMANN, 2011, p. 2), em seu tratamento de preposições (p. 359), o autor já propõe o agora conhecido caminho da gramaticalização mostrado no quadro (03), abaixo:

---

9 A teoria da gramaticalização desenvolvida nos 19<sup>o</sup> séculos na linguística histórico-comparativa ocidental no campo de estudos das línguas indo-europeias (cf. LEHMANN, 2015, cap. 1).

**Quadro 3.** Trajetória da *gramaticalização para preposições*

<b>grammaticalization</b>	weak	—————▶		strong
<b>stage</b>	1	2	3	4
<b>category</b>	N <sub>rel</sub> -OBL.CASE	prepositional adverb	secondary preposition	primary preposition

FONTE: BROCKELMANN 1908-13; cf. Voigt 1999, §2, In: LEHMANN, 2011, p. 2.

Brockelmann (*op. cit.*) propõe a seguinte trajetória da gramaticalização para preposições: ‘perda de conteúdo semântico concreto’ (do estágio 1 ao 2), ‘fossilização’ (do estágio 2 ao 3) e ‘redução à função puramente gramatical’ (do 3 ao 4) como conceitos descritivos. Além disso,

descobre que os substantivos relacionais do estágio 1 são geralmente substantivos de partes do corpo (p. 421-424) e propõe uma passagem da função local através de temporal para puramente estrutural (= relacional) de preposições (p. 362). Mesmo o conceito de persistência, explicitamente introduzido na teoria da gramaticalização, tão cedo quanto Hopper 1991, é prefigurado na observação de Brockelmann (p. 360) de que mesmo as preposições primárias ainda traem seu caráter denominacional em seu comportamento sintático.<sup>10</sup>

Fortes (2019) demonstra que já na obra de Prisciano (séc. VI) é possível encontrar a definição de preposição como uma categoria ambígua. De acordo com o autor:

Uma questão presente ao longo do Livro XIV das *Institutiones grammaticae* de Prisciano (séc. VI d.C.) é a análise das fronteiras categoriais entre as preposições latinas e outras categorias, em especial os advérbios (FORTES, 2008). Conforme destaca Prisciano, algumas preposições latinas (*extra, infra, inter, adversum, intra, contra, ante*, entre outras) apresentam comportamento funcional ambíguo, ora realizando funções prepositivas, ora especificando uma função adverbial.

Focando nosso objeto de investigação, pretendemos demonstrar que a gramaticalização de outras unidades linguísticas (particípios, advérbios, conjunções) em preposições acidentais/atípicas envolve o desenvolvimento de uma nova categoria gramatical, que denominamos de “relator circunstancial”, na medida em que seus diversos valores vão se especificando por meio de inferências pragmáticas de sentido que se desenvolveram diacronicamente, em decorrência da ampliação de suas funções/significados.

10 Cf. Original: “He finds that the relational nouns of stage #1 are generally body part nouns (p. 421-424) and proposes a passage from local via temporal to purely structural (= relational) function of prepositions (p. 362). Even the concept of persistence, explicitly introduced into grammaticalization theory no sooner than Hopper 1991, is prefigured in Brockelmann’s remark (p. 360) that even the primary prepositions still betray their denominational character in their syntactic behavior”.

Alternativamente, falantes/ouvintes, ao fazerem uso de uma gramática, mobilizam recursos metafóricos, metonímicos e recursos da subjetividade, que podem induzir a inovações relacionadas a um significado alvo. Esses recursos, que propiciam a mudança semântica, estão relacionados às estratégias comunicativas presentes, seja no discurso falado, seja no escrito (TRAUGOTT; DASHER, 2002). A partir de usos da “forma inovadora” em um ambiente linguístico, essa passa a desenvolver um valor social e torna-se saliente em uma comunidade de fala, se espalhando para outros contextos linguísticos, que são reforçados pelas implicaturas pragmáticas. Assim, apesar da mudança semântica, a forma inovadora mantém seu significado original acessível, e torna-se polissêmica.

Portanto, conforme defende Hopper (1987), e como também assumimos nós, a gramática de uma língua nunca é produto acabado; é sempre resultado de uma atividade em tempo real e está em constante adaptação. Novas formas estão constantemente emergindo para a codificação de antigas funções, bem como novas funções despontam para formas já existentes no sistema linguístico, oferecendo opções de expressão aos falantes, o que reflete o caráter variável da linguagem.

### 3. Análise e discussão: discutindo os limites entre as categoriais

Nosso primeiro objetivo de pesquisa foi avaliar a produtividade das formas investigadas, as preposições acidentais/atípicas. Para isso, num primeiro momento, buscamos, com base nas listas oferecidas pelas gramáticas revisadas, os seguintes itens: *afora, atento, como, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, posto, salvante, salvo, senão, segundo, tirante e visto*. Inserimos, em nossa coleta, o item *tipo*, que consideramos ser usado com “transpositor” (AZEREDO, 2004) em alguns casos, apesar de não ser mencionado nas gramáticas consultadas.

Além de proceder à caracterização geral do fenômeno, observamos as estruturas subsequentes às denominadas preposições atípicas/acidentais: (a) Sintagma Nominal (SN); (b) Oração Desenvolvida (Or. Des.); (c) Verbo Nominal (VN); (d) Conjunção *que/se*; ou ainda, (e) Sintagma Preposicional (SP)<sup>11</sup>. Os resultados gerais podem ser observados no quadro (4), a seguir.

---

11 A partir da revisão de literatura (CASTILHO, 2010, NEVES, 2011, BECHARA, 2009, entre outros), chegamos a cinco possibilidades de estruturas, quais sejam: a) Sintagma nominal (SN); b) Oração Desenvolvida (Or. Desen.); c) Verbo Nominal (VN); d) Que/Se; e e) Sintagma Preposicionado (SP).

**Quadro 4.** Panorama de usos das preposições acidentais/atípicas e estruturas subsequentes

Itens	Estrutura subsequente				
	SN	Or. Des.	VN	Que/Se	SP
Conforme	Sim	Sim	Não	Não	Não
Segundo	Sim	Sim	Não	Não	Não
Fora	Sim	Não	Não	Sim	Sim
Menos	Sim	Não	Não	Sim	Sim
Durante	Sim	Não	Não	Não	Não
Exceto	Sim	Não	Não	Não	Não
Mediante	Sim	Não	Não	Não	Não
Feito	Sim	Não	Não	Não	Não
Tipo	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Embora	Sim	Sim	Não	Sim	Não
Como	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Posto	Encontrado no <i>corpus</i> apenas como substantivo ou verbo.				
Afora/ Atento / Consoante/ Não obstante/ Salvante/ Salvo / Senão/ Tirante/ Visto/ Via/ Malgrado/ Eis/ Embargante/ Excluíso/ Incluíso	Esses itens não foram encontrados no <i>corpus</i> analisado.				

Vale dizer que, observando os usos destacados, os itens da última linha do quadro (4) não foram referidos no *corpus* de análise. Além disso, o item *posto*, não apareceu como preposição, mas apenas como substantivo ou particípio do verbo. A hipótese para isso é a de que esses elementos foram gradativamente substituídos por outros itens mais produtivos, capazes de desempenhar sua função (e outras mais). O fato de termos utilizado um *corpus* oral também pode ter sido influente na localização ou não de determinados tipos de itens (preposições atípicas), na medida em que alguns deles são potencialmente mais utilizados em textos mais monitorados, o escrito de um modo geral, e não fazer parte da realidade coloquial do falante.

Conforme se observa, classificamos (Sim) e (Não) para cada item investigado no banco de dados do Iboruna, considerando a observância ou não das estruturas subsequentes (enumeradas anteriormente) aos itens nos exemplos encontrados. O agrupamento das preposições acidentais, no quadro, se deu com base na semelhança de comportamento distribucional que elas apresentavam no *corpus*. Foram encontrados seis padrões de uso para os itens analisados. Avaliando ainda o padrão de distribuição das estruturas subsequentes, percebemos que todos os itens localizados recebem o SN como complemento, esse comportamento comum pode ser o motivo que leva as gramáticas tradicionais a classificá-los como preposições. A seguir, analisamos cada padrão individualmente.

### 3.1 Padrão 1 [*conforme*/segundo + SN/Or. Des.]

Ao investigarmos os usos de *conforme* e *segundo*, no banco de dados do Iboruna, encontramos 25 ocorrências do termo *conforme* e 100 usos do item *segundo*. Para nossa análise, destacamos alguns contextos de uso em que aparece o item desempenhando o papel de preposições atípicas ou em contexto ambíguos, que não identificamos com a clareza sua “classe-função” (BAGNO, 2012). Vamos aos casos:

(04)

*...e.: ela dava banho ne::le... cuidava de::le... que afinal de contas era o pai do filho dele né?... e ela só que ela falava – “quando terminá(r) quando cê melhorá(r) eu vô(u) embora... num quero ficá(r) aqui de jeito nenhum” – mas **conforme** o tempo acho que ele foi dando valor a esposa ele foi convencen(d) o ela ela acabô(u) fican(d)o... e... só que a moça passava na frente da casa dele... fazia fusquinha fazia gra::ça pra ele sabe? ela se sentia né?... e ele.: pediu transferência pra Santa Catarina...*

[AC-050; NR; L.175-180]<sup>12</sup>

Em (04), o *conforme* tem valor proporcional como prevê Neves (2011), e podemos recuperar o verbo *passar*, elíptico (“conforme o tempo passa”). Como *conforme*, *segundo* e *consoante* têm o comportamento bastante parecido (cf. NEVES, 2011, LUCERO, 2004, RAPOSO *et al.*, 2013), a motivação da elipse do verbo em exemplos como este parece ser a mesma das que ocorrem em verbos do modo *dicendi* (ver LUCERO, 2004) no processo de gramaticalização do item conjunção > preposição.

Notamos a presença de uma oração hipotática adverbial encaixada numa oração coordenada adversativa, o que mantém a leitura do item como conjunção. Para percebemos ainda a leitura, a troca por “de acordo” não mantém o significado, evidenciando o uso conjuntivo. Dessa forma, temos a atuação de duas forças, de um lado, o uso do sintagma nominal após o item, e de outro lado, a estrutura adverbial. Pensando nos passos possíveis da gramaticalização, teríamos o seguinte desenvolvimento: *conjunção/oração com verbo expresso* > *conjunção/oração verbo elíptico* > *conjunção/Nome* > *conjunção/preposição/N*. Isso confirma que uma mesma estrutura participa de diferentes esquemas construcionais, e que esses esquemas construcionais atuam, por um lado, na regulação de determinado esquema construcional e, por outro, motivam mudanças e atualização de novos significados. Por sua vez, isso gera um novo nó na rede, criando um novo significado/forma.

Outro exemplo de uso de sintagma nominal após *conforme* pode ser observado no exemplo em (05), em que temos a seguinte estrutura [*conforme* + SN].

12 Ao final de cada ocorrência, encontra-se o *corpus* (Amostra Censo-AC), com a indicação do número do inquérito e linha da ocorrência. Link: [iboruna.ibilce.unesp.br/interna.php?Link=corpo.php&corpo=36](http://iboruna.ibilce.unesp.br/interna.php?Link=corpo.php&corpo=36)

(05)

*...se os se os dirigente se preocupassem... em ganhá(r) o dinhe(i)ro e usá(r) ele... pelo bem do próximo... **conforme** a:: lei de Deus... mas ele se esqueceram de Deus por causa do dinhe(i)ro o Deus deles se tornô(u) o dinhe(i)ro mas o... num é bem um Deus é um demônio o dinhe(i)ro porque... eles eles... é:: guardam o dinhe(i)ro usam só pra si...*

[AC 123; L. 335-339]

Em (05) aparentemente temos um caso prototípico de uso de *conforme* como preposição atípica/acidental – apesar de Neves (2012b) afirmar que em muitos dicionários *conforme* está classificado como conjunção –, haja vista que aparece introduzindo um SN. Contudo, analisando mais detidamente o exemplo, vamos perceber que *conforme* não pode ser preenchido por qualquer tipo de SN. Ao tentar substituir o sintagma “a lei de Deus” por uma expressão com um ser +concreto, como “o papa” ou “a igreja”, que estariam no mesmo campo semântico do complemento original, percebemos que a frase não funciona tão bem, perde o seu sentido, e sentimos a necessidade até de inserir um verbo para preencher a lacuna. Neste exemplo, entretanto, há o sentido de “de acordo com”, diferente do exemplo (04). Sobre o assunto ainda, Oliveira e Oliveira (2009, p. 105) comentam que “ao afirmar a recategorização dos PPs em adjetivos, substantivos, preposições e advérbios, a unanimidade dos gramáticos cita a expressão *temente a Deus* como vestígio do uso verbal do PP em tempos modernos”.

Já no exemplo (06), por sua vez, o item *conforme* está seguido de oração desenvolvida. Este é o tipo de uso que evidencia que o item tem mais caráter conjuncional que preposicional, porque as preposições, na visão da gramática tradicional, introduzem orações desenvolvidas apenas se estiverem seguidas de partícula *que* ou *se*; itens que introduzem diretamente orações com verbos flexionados são conjunções.

(06)

*... mas a gente tem assim uma casa boa... que tem::... dois quarto... tem:: duas sala... tem copa... cozinha... tem dois banhe(i)ro... tem mais a lavanderia... ah:: mais uma sala de televisão... e:: tem uma varanda muito ampla **conforme** você viu:: cê:: teve aqui na minha casa e você conheceu...*

[AC 127; L. 95-99]

Vejamos os exemplos (07) a (10) que destacamos do banco de dados do Iboruna para analisarmos o elemento *segundo*.

(07)

*...áí que aconteceu?... ele ia pra lá e ele nossa era muito apaixonado por ela só que ela... assim já num num era tanto/ ele muito MAIS **segundo** ela me contô(u)... ele mandava car::ta ele escrevia... manda/ éh:: gravava fita de música mandava pra e::la e tal...*

[AC-046; L.156-161]

(08)

*Inf.: Catalunha... né?... e:... e ele ele tinha cerca de quatorze anos era muito... num tinha condições... era muito pobre... e num tinha dinhe(i)ro nem pa comprá(r) a passagem do navio... então... **segundo** meu pai... ele... veio... cortando lenha... no navio... trabalhan(d)o durante toda a viagem pra podê(r)... éh::*

[AC-082; L.129-132]

(09)

*...dá(r) tudo aquilo que realmente a minha mãe me passô(u) tento passá(r) adiante... pra compensá(r) aquela dor né?... pra tirá(r) a tristeza da consciência [Doc.: aham ((concordando))] reconstruí(r) CONSstruí(r) né? minha família **segundo** a educação que minha mãe me deu... minha MãE que foi mãe e pai... e eu acho que é que é isso...*

[AC-057; L.101-104]

(10)

*Inf.: Deus me livre e o medo que nós passamo(s)... **segundo** uma professora a arma tava... é carregada [Doc.: uhum] só que a hora que que o menino falô(u) que a que o policial tava lá ele descarregô(u) e deu fim <sup>6</sup>[nas bala] <sup>6</sup>[Doc.: nas bala] então a hora que a policia pegô(u) só tava a arma mesmo...*

[AC-078; .66-69]

O exemplo (07), com o item seguido de oração subordinada desenvolvida, evidencia a possibilidade de o elemento estar introduzindo esse tipo de oração sem estar acompanhado de *que* ou *se*, o que não acontece com as preposições em geral. Então, Neves (2011) e Lucero (2004) acreditam que, usado dessa forma, o item funciona como conjunção. Esse uso, como dissemos, nos faz postular que houve uma etapa anterior: antes de se tornar preposição, parece que funcionava como conjunção e, depois, então, com a queda do verbo flexionado, passou a preposição. Essa hipótese nos ajuda a explicar o fato de as preposições acidentais/atípicas não aceitarem os pronomes oblíquos como complemento (SAID ALI, 1964, BECHARA, 2009, LUFT, 1986, entre outros), apenas os pronomes de primeira pessoa, haja vista que em um processo anterior à gramaticalização como preposição acidental esses itens vinham acompanhados de um sujeito, que tradicionalmente não podem receber pronomes oblíquos em seu sintagma. Além disso, Carvalho (2001 *apud* BAGNO, 2012) comenta que as preposições que ocorrem com elementos nominais, mas também introduzem uma sentença sem a necessidade da partícula *que* (*segundo*, *conforme*, *consoante*) são as menos gramaticalizadas, que estão ainda à margem do sistema de preposições canônico, e, por isso, integram tanto a classe das preposições quanto a das conjunções subordinativas.

Também nas ocorrências (08) a (10), *segundo* está acompanhado de um sintagma nominal (“meu pai”, “a educação que minha mãe me deu” e “uma professora”, respectivamente). Dessa forma, caberia perfeitamente a inserção de um verbo *dicendi*. Assim, comparando-os com a estrutura presente em (07), não há diferença semântica.

Também é notória aqui a diferença entre *segundo* e *conforme*<sup>13</sup>, ainda que tenham o mesmo padrão de comportamento diante dos seus possíveis complementos. Ao passo que *conforme* sutilmente recusa sintagmas nominais +concretos, não observamos para o *segundo* esse tipo de restrição, ao contrário, os exemplos exibiram tanto casos de complementos concretos quanto abstrato (p.ex. “educação” e “meu pai”).

### 3.2 Padrão 2 [*fora/menos* + SN/*que/se/SP*]

Conforme verificamos nos compêndios gramaticais revisados (NEVES, 2012, RIBEIRO, 1950, SAID ALI, 1964, entre outros), as preposições acidentais advêm de diversas classes, e essas diferenças de origem tomamos como critério justificador das distinções e aproximações dos itens analisados aqui. Assim, este grupo do padrão 2 é formado pelos itens *fora* e *menos*, ambos oriundos da classe dos advérbios.

Do item *fora* encontramos alto número de usos no *corpus* Iboruna. A maioria deles como advérbio, conforme destacado (11), significando lugar, denotando o contrário do que não está dentro. Em outras palavras, o item como advérbio estabelece uma relação [+concreta] do ponto de vista espacial.

(11)

... o:: rapaz vinha vin(d)o na direção dele... vinha vin(d)o pra cá... e tinha uma carro aqui atrás ((explica fazendo gestos com a mão))... então ele só tinha que jogá(r) pra lá... aí ele desviô(u) pra cá e bateu na sarjeta o carro capotô(u)... meu irmão caiu pra **fora** do ca::rro... ele::... parece que ele... voô(u) pra frente... sei lá... alguma coisa assim...

[AC-006; L. 59-62]

Observamos, entretanto, outros casos, em que *fora* foi utilizado como preposição acidental/atípica. Em geral, nas gramáticas e estudos revisados neste trabalho, a este item é atribuído o sentido de exclusividade, assim como *exceto*, *salvo* e *menos* (SAID ALI, 1964, NEVES, 2012, entre outros). Contudo, considerando os exemplos a seguir, existe uma nuance semântica entre os demais itens e *fora*, que é usado também com o sentido de “além de”, como Neves descreveu em *Guia de Usos do Português: confrontando regras e usos* (2003). Observemos os exemplos (12) e (13):

(12)

Doc.: cê podia me falá(r) aGOra assim uma outra histó::ria de uma viagem que você fe::z ou... assi::m... alguma coisa que você (queira contá(r)) **fora** essa história que você me con'[tô::(u)]<sup>1</sup>[Inf::uhum] alguma... assim experiência lega::l que cê<sup>2</sup>[te::m]<sup>2</sup>[Doc.: uhm] cê viAja? quando cê sai de fêrias cê costuma viaJÁ(R)?...

[AC-002; L.1-5]

13 Ao leitor interessado sobre a análise de *conforme/segundo*, indicamos a leitura da dissertação de Oliveira (2018).

(13)

*...eles passa (às vez) os lugar boNIto de São Paulo... quan::do nós chegô(u) em São Paulo antes de chegá(r) no Guarujá mesmo... menina eu olhei... um/ **fora** o fedor que é lá... cheiro hoRRÍvel... aquelas fave::la umas casa que dá até me::do... eu fiquei –“gente eu num queria morá(r) aqui por nada nesse mundo”– aonde eu moro é maravilhoso...*

[AC-062, L.210-213]

Nos exemplos destacados até aqui, o complemento da preposição é sempre um SN. Não encontramos como estrutura subsequente o VN para o item *fora*.

Ressaltamos, agora, o que Neves (2012) asseverou em relação à natureza adverbial do item: é conduzido à direção prepositiva, na medida em que sofre um processo no qual passam das relações mais concretas para as mais abstratas, típico da gramaticalização. Notamos isso se comparamos o exemplo [+concreto] em (11) com os [+abstrato] em (12) e (13).

Ainda nos deparamos com alguns dados que ajudam a ilustrar essa passagem gradual do concreto para o abstrato: o uso do advérbio *fora* ligado a um sintagma nominal que não significa lugar. Nestes casos, (14) e (15), não houve passagem de classe gramatical, mas se percebe a mudança de função adverbial espacial; trata-se mesmo de uma flutuação categorial.

(14)

*Inf.: é... [Doc.: hum] porque::... éh:: o o rádio éh:: quando... tem algum fio também solto... esse fio é que normalmente atrapalha... o bom funcionamento do rádio... [Doc.: hum] e muitas vezes o o fato do rádio num está(r) funcionando... adequadamente é que a pilha já:: é está gasta já:: está assim **fora**:: de validade enfim... já está muito fraca... éh:: em relação ao rádio...*

[AC-149, L.206-210]

(15)

*...como a vida é:: BEla né?... e::... muitas coisas... se apren/ se aprendem num relacionamen::to::... numa/ numa/ a gente::... como pode explicá::(r)?... aprende várias coisas a gente:: morô(u) um tempo junto a/ se amasiô(u) então::... a gente::... pela... minha iDAde foi uma experiência muito::... muito... hum **fora** do normal pela minha idade eu nunca pensava em pará(r)/ passá(r) por isso...*

[AC-029, L. 9-13]

Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991) advogam que a mudança metafórica respeita o *cline* de sequência de categorias conceituais (cognitivas) e é motivada pragmaticamente com o objetivo de atender a uma função na gramática. De certa feita, a partir de inferências, estão à disposição as categorias cognitivas em cadeia do tipo *pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade*, em que cada categoria é conceptualizada em termos daquela outra posicionada a sua direita, permitindo dessa forma, que elementos mais concretos (léxico) migrem para elementos mais abstratos (gramática). Wiedemer (2013, p. 118) acrescenta que:

nessa trajetória de deslizamentos de significados, as formas, progressivamente, tendo como ponto de partida a noção de espaço, passam pela noção de tempo e chegam às categorias mais abstratas como a de texto, conforme representado no *cline*: *espaço > tempo > texto*. (...) Nessa visão, a categoria espaço é considerada a mais básica da cognição humana, sendo possível pressupor que a derivação de outros significados se dê por meio da trajetória que vai do mais concreto (o espaço) para o menos concreto.

Segundo Martellota (2011), por exemplo, *por isso, então, entretanto, tanto que* são itens que seguiram um padrão de mudança por meio de um processo metafórico, em que as relações espaciais e temporais são transpostas ao discurso.

Além disso, as ocorrências (14) e (15) ilustram que o item *fora* pode ser acompanhado por um SP. Entretanto, evidencia justamente o *entrelugar* do item no processo de gramaticalização como preposição, na medida em que, inclusive, podemos substituí-lo pelo antônimo “dentro” – que denota o que está do lado interno –, mas não mais com o sentido concreto de espacialidade. Embora apresente o mesmo padrão de comportamento, *menos* difere de *fora*, não tem sentido de espacialidade e parece ser mais gramaticalizado; inclusive, os exemplos extraídos do *corpus* foram compatíveis com os achados de língua espanhola para o assunto (LUCERO, 2004).

Inserimos o exemplo (16) para ilustrar o uso do item *fora* seguido de *que*. Nesse caso, parece ter sentido de “além do mais”, “além disso”. Neves (2012b), para a preposição *afora* (preposição semanticamente semelhante à *fora*), que não localizamos no *corpus*, encontra conotação de concessão e não de adição quando seguida do elemento *que* para introduzir orações.

(16)

*Inf.: é M. C.... do J. S.... [Doc.: ah] éh:: (fora que) éh::... a casa dela é aqui de frente da pracinha aqui do Renascença... e::... a casa dela tem::... umas/ éh::... num tem portão é umas corrente sabe?... tem a gara::gem... aí você entra... você entra pelo fundo vamo(s)...*

[AC-104, L.112-114]

O elemento *menos*, por sua vez, como preposição foi utilizado apenas com o sentido de exclusividade. Acreditamos que, por causa de sua alta frequência (576 ocorrências), *menos* fez com que o uso de *exceto* diminuísse (duas ocorrências apenas), em virtude de poderem ser usados com sentido semelhante. Essa hipótese apenas um estudo diacrônico poderia comprovar. Observemos os exemplos.

(17)

*Doc.: que que é cabeça-fria?*

*Inf.: cabeça-fria é assi::m cabeça num QUE::Ima a o(u)tra pessoa... se a bola batê(r) no chão num queimô(u) e se a bola... não batê(r) no chão e batê(r) assim na mã::o no/ qualquer o/ parte do corpo menos na cabeça tá queimado...*

[AC-004, L.165-168]

(18)

[Doc.: ((risos))] e:: eles pensaram que ela tava::... ten(d)o é::... tinha ba(i)xado algum santo ne::la tava... tava fazen(d)o alguma coisa **MENOS** que ela tava ten(d)o um enfarte... aí chamaram... a:: enferme::(i)ra... lá do::... da loja e a enferme(i)ra viu né?

[AC-078, L. 84-87]

(19)

éh seis é a média porque senão o bolo fica com muita banana aí num CREsce... aí coloca... mistura tudo os ingredientes **menos** as bananas éh... mistura na mão num pode usá(r) na bate(i)ra... mistura até derretê(r) toda a mante(i)ga... aí depois que misturô(u) pega ((ruído)) uma assade(i)ra...

[AC-046, L.385-388]

Em nossas buscas, não encontramos explicitamente o *menos* seguido de verbo nominal. Porém, os exemplos (17) e (18) corroboram, de certo modo, a afirmação de Lucero (2004) sobre a presença do verbo em sua forma nominal. A autora destaca dois contextos em que os elementos inter-relacionados não precisam estar presentes (embora, no geral, eles estejam explícitos na oração): quando o elemento implícito é um objeto indireto ou quando é um complemento circunstancial. Em (17) temos um elemento circunstancial (“na cabeça”) complementando a preposição acidental *menos*.

Em (18), por sua vez, a presença do verbo *pensar* – classificado, entre outras regências, como verbo transitivo indireto (LUFT, 2002, p. 398) – nos leva a entender, a partir da assertiva de Lucero (2004), que o complemento da preposição *menos* seria um objeto indireto. Entretanto, nos casos em que se tem um objeto indireto oracional, como no exemplo, a preposição usualmente é omitida.

O uso encontrado no trecho (19) é considerado prototípico da classe de preposições acidentais: um elemento ligado a outro, ambos explícitos, por meio da preposição, que tem valor semântico de exclusividade.

### 3.3 Padrão 3 [*durante/exceto/mediante/feito* + SN]

Passamos, então, a observar o terceiro padrão, cujos integrante só recebem como complemento o SN ligado diretamente. Foram 114 ocorrências do termo *durante* na pesquisa; sendo apenas duas ocorrências de *exceto*; uma ocorrência de *mediante*; e do item *feito* apareceram muitos exemplos, 206 casos, mas muito na condição de verbo e não preposição. De maneira geral, com exceção de *mediante*, essas preposições não apresentaram múltiplas possibilidades semânticas nos casos encontrados no banco de dados analisado.

Nos exemplos (20) a (23), *durante* tem como complemento apenas SNs, o que confirma os achados de Neves (2011) e Bagno (2012), quando afirmam que o item só se relaciona com esse

tipo estrutura. Corrobora ainda os dados de Raposo *et al.* (2013), porque não encontramos casos em que o item introduzisse uma oração desenvolvida seguida de conjunção *que*, distinguindo-se do comportamento das demais preposições marcadoras de tempo, as quais admitem essa construção, como *desde* e *até*. Bagno (2012), ao distribuir os elementos centrais, ou seja, mais gramaticalizados, do sistema de preposições, coloca *durante* à parte, isto é, em uma categoria em transição, no grupo próximo aos verbos, ao passo que *até* e *desde* estão na fronteira com advérbios. Essa diferença pode explicar a distinção de comportamento diante das opções de complemento, apesar da proximidade semântica dos elementos.

(20)

*...esse casamento ia sê(r) foi realizado numa chácara uma chácara muito bonita... uma decoração... muito bonita também tudo muito bem planeja::do... e:: ((ruído)) sabe? **durante** a festa... assim muita flo::res... e/ e deu um temporal... e derrubô(u) tudo... assim os arran::jos estragô(u) a fe::sta...*

[AC-138, L. 83-86]

(21)

*... começô(u) a namorá(r) né?... então... inclusive eu morava só eu e minha mãe... e::... minha mãe era::... era muito severa muita coisa... e ela::... eu ia namorá(r) e ela todo dia ia atrás de mi/ atrás de mim sabe? me acompanhá(r)... ixe ela dava a maior mão-de-obra... então a gente namorô(u) **durante** quatro ano né?... e depois... logo depois do::/ que a gente casô(u)... a gente teve que... morá(r) na mesma casa né?...*

[AC-133, L.5-9]

(22)

*...esse mesmo vizinho uma vez eles ia in(d)o pra/ pa Iguá inclusive o/ o filho dele já tava doente né? o E... e **durante** o caminho... ele deu carona pa dois rapaz... eles pensava... que::... na hora assim nem imaginô(u)...*

[AC-133, L.125-128]

(23)

*...condições... era muito pobre... e num tinha dinhe(i)ro nem pa comprá(r) a passagem do navio... então... segundo meu pai... ele... veio... cortando lenha... no navio... trabalhan(d)o **durante** toda a viagem pra podê(r)... éh::...*

[AC-082, L.130-132]

Localizamos usos do item *exceto* apenas complementado por sintagma nominal. Além disso, a frequência do item é baixa. Isso pode ser explicado porque existem outros termos equivalentes mais produtivos em língua portuguesa, como o *menos*. Não nos deparamos com casos em que o *exceto* participa do sistema de transitividade, ao contrário do que prevê Lucero (2004). Vejamos os exemplos (24) e (25) extraídos do *corpus*:

(24)

*...a dama vale dois... o resto das cartas num vale mais nada... as cartas com nú::mero assim... **exceto** o três né? que o três vale dez pontos elas num valem Nada num contam ponto nenhum... então durante o jogo na verdade o objetivo...*

[AC-049, L.169-171]

(25)

*...Doc.: uhum ((concordando))... era 17[(indispensável)] 17[Inf.: por exemplo] a telefonista né?  
Inf.: com.: certeza... ham... **exceto** local... pra toda chamada que você tinha... que fazê(r)... ... da cidade... na época tinha que passá(r) pa/ pela telefonista...*

[AC-117, L.107-110]

Sobre o item *mediante*, Neves (2011) afirma que ele pode ser complementado apenas por sintagma nominal. Raposo *et al.* (2013) e Lucero (2004), por sua vez, acreditam que o elemento não pode iniciar uma oração reduzida, o que também não podemos contradizer, na medida em que não encontramos esse caso no banco de dados do Iboruna.

(26)

*Inf.: <sup>3</sup>[na PRÓpria PRÁTica] informando as informações DO próprio cliente [Doc.: hum] é alimentAN(d)o o sistema com as informações DEle... é aí então que a gente faz a pa/ a fase final do sistema... a gente testa nele e... dependendo da situação a gente faz alguns ajustes éh:: **mediante** a situação que o sistema ficô(u)... ou incluindo alguma coisa no::va ou excluindo alguma coisa que foi criada e que num havia necessidade daquilo...*

[AC-099, L. 422-426]

No exemplo (26), a palavra *mediante* causa certa estranheza porque, no contexto, não parece ter o significado usual da palavra (“por meio de”, “com a ajuda de”), mas parece que o sentido empregado é que “de acordo com” ou sentido similar. Esse caso ilustra a forma como as mudanças podem ocorrer: se um elemento passa a ser empregado com outra função/sentido, e, se essa nova forma passa a ser rotinizada (BYBEE, 2006), ou seja, começa a ser empregada de maneira ampla pela comunidade de fala, então o item entra num processo de mudança.

*Feito* também foi um item com um número alto de usos no *corpus* utilizado, com maior parte deles como particípio do verbo fazer. Destacamos aqui, um caso em que aparece como preposição (27):

(27)

*...Inf.: i::sso põe no fogo... MExe não põe a gema por último põe o LEIt e mistura com a gema antes de í(r) po fogo... senão cozinha a gema... [Doc.: o::lha] é... aí vai meXENdo até ele dá(r) o ponto... o ponto é::... um po(u)co antes dele despregá(r) da panela senão ele sente a consistência dele de CREme **feito** um mingau...*

[AC-076, L.277-280]

Sobre *feito*, Neves (2011) afirma ele pode ser seguido apenas de SN. Os nossos achados corroboram a constatação. O item estabelece comparação com o termo que o complementa, na linguagem popular.

### 3.4 Padrão 4 [*tipo* + SN/VN/*que/se/SP*]

*Tipo* é um item que não está previsto nas gramáticas investigadas. Nossa análise empírica nos fez pressupor que poderíamos encontrá-lo como preposição, que ele estaria se gramaticalizando. É um elemento que requer certo cuidado para análise, porque uma falta de uma atenção na possível prosódia nos leva a achar que haveria muitos mais casos do uso de *tipo* como preposição que realmente existem. Isso porque é bastante comum esse elemento ser usado como marcador discursivo<sup>14</sup> ou modalizador do discurso.

(28)

*Inf.: aí eles saíram pra pescá(r) de noite né?... aí::... no que eles tava pescan(d)o lá né?... eles viram uma:: **tipo** de uma luz:: assim::... éh:: do o(u)tro lado do rio né?...*

[AC-015, L.233-234]

(29)

*Inf.: olha... cê pega o... primeiro vamo(s) começá(r)... tiran(d)o o arroz da vasilha onde tá... você lava ele né?... deixa bem lavadinho... e deixa ele escorren(d)o... e a/ escorren(d)o pra água... **tipo** que fica no fundo da vasilha... sai(r) po arroz ficá(r) um pouquinho mais seco... aí você... nesse meio de tempo cê co/ corta e pica a cebola bem...*

[AC-103, L.346-350]

(30)

*...aí o moleque começô(u) a tirá(r) o meu irmão... [Doc.: ham] o moleque tem trinta e um ano o moleque... já é velho né? [Doc.: éh] só que é ba(i)XInho é menor que eu... trinta e um ano vai querê(r) mexê(r) com o M.?...[Doc.: ham]... o cara bem maior que ele né?... aí começô(u) a **tipo** chamá(r) meu irmão de ruim né?...*

[AC-015, L.430-434]

(31)

*...nem jogo sal nada corto um monte de pedacinho de tomate... e coloco num prato... pra pra comê(r) junto com o miojo... daí::... hora que acaba eu ti::ro... vô(u) lá:: na pia porque eu gosto de deixá(r) um po(u)quinho de água... aí eu ti::ro um po(u)co só de água de(i)xo ele... **tipo** uma SOpa sabe? que eu de(i)xo bastante água... aí:: eu:: já já coloco o molhinho de::le... espero esfriá(r) mexo espero esfriá(r) um pouco jogo lá no prato cheio de toma::te... daí:: acabô(u)... aí eu como...*

[AC-010, L.280-285]

14 Marcadores discursivos são itens que perderam seu sentido referencial ao seguir uma trajetória unidirecional da mudança e, conseqüentemente, ao assumir funções ligadas diretamente ao ato comunicativo. Gradativamente, a cada uso, o item assume um caráter mais interativo (MARTELOTTA, 2009).

No exemplo (28), encontramos o item *tipo* seguido de um SP (“de uma luz”). Semanticamente, neste caso, o *tipo* se aproxima do “como”, parecido com “*como se fosse uma luz*”, gerando um sentido comparativo. Ademais, notamos a transição aqui da função semântica de *tipo*, que discretamente perde sua função substantiva (p. ex. tipo de papel, tipo de carro) e passa a desempenhar um papel comparativo, ou de aproximação. Aqui o item se apresenta mais conjuncional que preposicional. Notamos também nesse caso o sentido de “espécie de”, evidenciando o caráter mais lexical e menos gramatical do *tipo*.

Em (29) *tipo* está acompanhado da partícula *que*. Neste exemplo, observamos que o item semanticamente não tem muita relevância, se assemelha a uma partícula expletiva, de realce. Poderia também ser interpretado como uma função demonstrativa (“*aquela* que fica no fundo da vasilha”) ou enumerativa (“por exemplo, que fica no fundo da vasilha”). Assim, também não se percebe aí bem a característica de preposição.

Do mesmo modo que também não se encontra valor preposicional no outro caso, em que o *tipo* está acompanhado de um VN (30). Para este exemplo, chegamos a duas interpretações: o *tipo* foi introduzido para esclarecer que ação executada se assemelhou a “chamar meu irmão de ruim”; ou para modalizar o conteúdo da informação, enfraquecendo o que vai ser dito em seguida. Desconfiamos que esse caso não revele um caso de preposição atípica porque *tipo* está entre a preposição *a* e um verbo no infinito.

No exemplo (31), o item *tipo*, influenciado pela regência do verbo *deixar*, faz com que “uma sopa” tenha a função predicativa. Aqui está claro o uso do *tipo* como preposição acidental, na medida em que no SN “uma sopa” há um substantivo concreto, não exerceria naturalmente uma função predicativa, como teríamos em, por exemplo, em “deixei o menino um santo” ou “deixei minha mãe um amor”, casos com substantivos abstratos. Além disso, como veremos adiante, esse é um caso de substituição pelo *como* em que ele prototipicamente funcionaria como preposição, introduzindo um predicativo do sujeito (NEVES, 2011).

### 3.5 Padrão 5 [*embora* + SN/Or. Des./que/se]

O item *embora*, único integrante desse grupo, apareceu pouco como preposição no banco de dados analisado, no geral prevalece como advérbio e conjunção. Não observamos no nosso *corpus* de análise casos em que a preposição tivesse como complemento um verbo em sua forma nominal. Vejamos os exemplos:

(32)

...*ai* você desce no quintal... e tem um puxadinho c'uma:: uma pia com... uma torneira... o pé de pitanga tá coLada ali nessa... nesse puxadinho né? coberturazinha... o pé de caqui tá BEM do lado... o de jabu<sup>14</sup>[*ticaba*] <sup>14</sup>[Doc.: (*inint.*)] do lado de cá... então o que eu gosto nesse quintal é porque ele *embora* pequeno ele tem muita... FRUTA e ele vira como se fosse uma CHÁcara da gente.

[AC-117, L.299-303]

(33)

*Inf.: tem... vários banhe(i)ros banhe(i)ros pa deficiente... (a gente) precisa tudo... **embora** que a gente só teve um:: aluno né? [Doc.: uhum ((concordando))] deficiente... mas... já/ já tanto no primário quanto no ginásio já tudo já... adaptado né?*

[AC-096, L.197-199]

(34)

*e o filho sofre né?... e a gente vê antigamente não passasse o que passava a mãe tava ali ao lado... junto... **embora** que ela trabalhava... se ela trabalhava na roça ela levava os filho junto com ela tava sempre ali junto... nunca deixava eles sozinhos né?*

[AC-140, L.384-386]

Em (32) percebemos mais uma vez a situação em que há elipse de um verbo. *Embora* é comumente usado como conjunção, ligando orações que tenham seu verbo flexionado, entretanto, no primeiro exemplo, o elemento está ligado a um sintagma nominal (em que caberia um verbo no subjuntivo – p. ex. “fosse”). O sentido do item, porém, permanece inalterado neste caso (“concessão”).

Como nos deparamos com o uso da locução “embora que” – (33) e (34) –, defendemos que *embora* não seja uma conjunção prototípica, bem definida, totalmente gramaticalizada. Se assim fosse, não haveria a necessidade de o usuário inserir a conjunção *que*, que só faz normalmente quando quer utilizar termo oriundo de outra classe como uma locução conjuntiva (*visto que, já que, salvo que* etc.). Como assinala Rosário (2012, p. 128), ao demonstrar que esse item pode ser intensificado pelo advérbio muito, “as enunciações desse operador, hoje, guardam marcas dos usos de onde ele provém e comprovam que seu processo de gramaticalização ainda se encontra em curso, visto que não se configurou ainda como uma conjunção *stricto sensu*”.

### 3.6 Padrão 6 [*como* + SN/Or. Des./VN/que/se]

*Como* foi o item que mais recorrente no *corpus*, com 3.054 ocorrências no *corpus* investigado – desenvolvendo as funções de preposição, advérbio, conjunção de diversos tipos etc. De acordo com Neves (2011), *como*, quando preposição, estabelece uma relação semântica circunstancial de modo, tem sentido de “na condição/qualidade de” e introduz um SN.

Dentre os variados casos, destacamos alguns exemplos para ilustrar o uso, entretanto, destes, apenas dois deles podemos classificar tipicamente como preposição (35) e (36), em que percebemos a semântica adverbial de modo e um sintagma adverbial com evidência. No primeiro, vemos o *como* introduzindo um sintagma adnominal atribuidor de qualificação; ao passo que, no segundo, a preposição acidental precede um predicativo do objeto.

(35)

*então ela pegô(u) o ônibus e foi... e:: durante esses dias que ela tava em Petrópolis... ela VIU... que tinha uma filmagem de uma novela... da Globo uma minissérie... e ela... até recebeu convite pa participá(r) **como** figurante a a minissérie era a Anita ela era era uma aluna:: uma pessoa muito bonita.*

[AC-081, L. 71-75]

(36)

*Inf.: são quatro regras básica/ básicas chegá(r) pontual né? no horário... éh:: rezá(r) ca/ é dia/ diariamente a (catena)... éh:: fazê(r) um trabalho bem definido... de tal que a:: vamo(s) dizê(r) assim a pessoa visitada veja você **como** Maria... e você veja a pessoa como Jesus né? como se fosse uma visita de:: éh de Je/ de Maria pa Jesus né?*

[AC-023, L. 359-361]

Como dissemos, porém, o *como* exerce diversas outras funções; não seria possível esgotar aqui uma pesquisa sobre o assunto, mas apresentamos a seguir mais alguns dados para ilustrar a multifuncionalidade desse item.

(37)

*Inf.: tem uma coisa muito gostosa que eu aprendi fazê(r) em Tocantins... [Doc.: hum] eu adoro... que é biju de tapioca... tem que tê(r) polvilho... doce... é tem que tá bem soltinho... você::... é molha ele com um po(u)co de água... ou mesmo leite... coloca uma frigide(i)ra no fogo... aí você vai polvilhando... é:: o biju a:: a farinha na frigide(i)ra... ela vai ficá(r) **como** uma panqueca... de(i)xa ela do(u)rá(r) um po(u)quinho ela ce vê que ela aderiu ela mesmo né? você vira... um po(u)quinho... e depois você tira do... fogo você pode espalhá::(r) que(i)jo rala::do ou você pode passá(r) simplesmente mante(i)ga e enrolá(r) **como** se fosse uma panqueca...*

[AC-084, L.194]

Em (37) temos duas vezes o uso do *como*, mas vamos dar atenção ao segundo caso. Embora tenhamos uma estrutura subsequente diferente do que prevê Neves (2011) – neste exemplo o item está precedendo uma oração introduzida por *se* –, a relação qualitativa estabelecida com o elemento posterior permanece. Entretanto, a idiosincrasia desse exemplo está justamente na relação de comparação hipotética que a presença da encaixada desencadeia, ratificada pela presença do verbo no modo subjuntivo (ROSÁRIO, 2007). Na verdade, existe concomitantemente um valor comparativo e condicional na locução conjuntiva *como se*.

Em (38), *como* receberia a classificação de conjunção subordinativa integrante pelo *Dicionário Houaiss*, de acordo com levantamento feito por Neves (2012b).

(38)

*Inf.: todos atolan(d)o... porque foi assim o carro... meio que caminhão... porque no tempo delas... os casamentos que eram feitos no povoado... depois ia po/ pro sítio ou a fazenda... num tinha **como** transportá(r) todo mundo então o que eles faziam... pegavam os caminhões... e as pessoas iam no caminhão.*

[AC-080, L.86-89]

Entretanto, essa classificação causa estranheza. Isso porque, acreditamos, não podemos levar em consideração apenas o fator sintático, na medida em que as conjunções carregam em si valores semânticos próprios. Outra leitura que podemos fazer ainda é: parece corresponder a uma construção com o verbo *ter* [auxiliar/suporte] + *como* + infinitivo.

As conjunções, como vimos, não se ligam a um VN, apenas preposições seriam capazes de cumprir essa função, haja vista que os verbos estão flexionados (geralmente subjuntivo) quando em oração ligada por conjunção. Assim, não podemos classificar o item como conjunção. O item *como* neste caso poderia ser substituído por “o modo pelo qual”, ou seja, desempenha função circunstancial de modo, então tendemos a achar que se trata de preposição acidental. Por sua vez, no exemplo (39), o *como* está seguido de uma Or. Desen., típico de conjunção, com um valor explicativo.

(39)

Inf.: **como** ela tava in(d)o viajá(r)... pra trabaLHÁ::(r) éh:: quando a policia chegô(u) ela tava meio ZONza assim porque o carro parô(u)... meio que num BArranco... mais um pouquinho o carro... capotava mas:: ela ficô::(u)... super MAL assim ficô(u) meio ton-ta.

[AC-012, L.98-101]

#### 4. Generalização dos resultados e proposta de nova nomenclatura para as preposições acidentais/atípicas: relatores circunstanciais

A partir das análises das amostras do bando de dados Iboruna, conforme o quadro (3), encontramos seis padrões de uso: **padrão 1** [*conforme/segundo* + SN/Or. Desen.]; **padrão 2** [*fora/menos* + SN/Que, Se/SP]; **padrão 3** [*durante/exceto/mediante/feito* + SN]; **padrão 4** [*tipo* + SN/VN/Que, Se/SP]; **padrão 5** [*embora* + SN/Or. Desen./Que, Se]; e **padrão 6** [*como* + SN/Or. Desen./VN/Que, Se]. Foi possível perceber a gama de traços distintos dos itens inseridos na classe das preposições acidentais/atípicas. Em comum, eles têm apenas SN como estrutura subsequente – razão pela qual estão listados nessa categoria nas gramáticas, um critério puramente sintático. Entretanto, não há regularidade para os demais itens subsequentes. Além disso, conforme notamos na revisão das gramáticas tradicionais e descritivistas, esses manuais e estudos não dispõem critérios para classificar as preposições como acidentais/atípicas em suas análises.

Apesar de poderem ser incluídos em padrões por algum traço comum, conforme observamos nas análises empreendidas, os itens apresentam diferenças semânticas entre si. Ramos e Silva (2014) demonstram que é preciso considerar a função relacional das preposições, na medida em que elas conseguem atuar *não apenas como transpositores*, ou elementos subordinativos, mas também como *conectores textuais*. Ao mesmo tempo, elementos de outras

categorias, como *tipo, fora, como* etc., passam a exercer função relatora, evidenciando as finas fronteiras que existem entre as categorias dos nexos gramaticais.

Do ponto de vista da gramaticalização, as mudanças ocorrem de forma bastante gradual. E, na perspectiva da fluidez de classes, um item pode passar gradualmente de uma categoria a outra ou, como notamos nos casos analisados (*tipo, como, fora, segundo* etc.), pode apresentar características híbridas. Essa gradualidade demonstra que as categorias e unidades linguísticas são variáveis e formam gradientes em vez de categorias rigidamente delimitadas (BYBEE, 2013). Assim, as mudanças não acontecem subitamente de uma categoria para a outra, mas ocorrem mudanças gradativas com os itens, que fazem com que eles se aproximem e se afastem concomitantemente.

Para deixar mais claro nosso pensamento da função “relator circunstancial”, vejamos o exemplo abaixo:

(40)

Doc.: cê podia me falá(r) aGOra assim uma outra histó::ria de uma viagem que você fe::z ou... assi::m... alguma coisa que você (queira contá(r)) **fora** essa história que você me conl [tô::(u)] 1 [Inf.: uhum] alguma... assim experiência lega::l que cê 2 [te::m] 2 [Doc.: uhm] cê viAja? quando cê sai de férias cê costuma viaJÁ(R)?...

[AC-002, L.1-5]

Em (40), *fora*, na condição de transpositor, faz com que o SN “essa história” passe a ter características circunstanciais. É importante notar que, como advérbio, perdeu parte do seu caráter de espacialidade, do ponto de vista concreto, mas permanece atribuindo à estrutura subsequente o sentido de “o que não faz parte de um determinado grupo” ainda que de forma abstrata. Isso reflete o processo pelo qual está passando: gradualmente sai de uma classe a outra. Como afirma Martelotta (2011, p. 84), trata-se de “uma trajetória translinguística segundo a qual itens de valor espacial – em sua maioria dêiticos – passam a assumir função textual, podendo ou não, intermediariamente, assumir sentido temporal”. Nesse processo de transição, é possível enxergar uma natureza metafórica, haja vista que acontece “uma transferência do mundo das experiências sensorio-motoras, dos objetos visíveis, dos processos cinéticos, das relações espaciais e temporais para o mundo do discurso” (*op. cit.*).

Diante disso, nos reportamos à noção de Castilho (2010) a respeito de nexos gramaticais (em um conjunto mais amplo de conectivos subordinativos) e à assertiva de Neves (2011) e Lucero (2004) sobre o fato de as preposições acidentais/atípicas não participarem do sistema de transitividade, mas apenas exercem função adverbial. Portanto, para os itens analisados, denominados de preposições atípicas/acidentais pelas gramáticas tradicionais e por estudos descritivistas, em resumo, temos: de um lado, a função relatora caracterizada pela presença de SN na estrutura subsequente; e, por outro, a eminência do aspecto semântico-pragmático ao

se relacionarem à estrutura subsequente, a função circunstancial. Assim, diferentemente dos estudos empreendidos na área linguística, bem como as prescrições das gramáticas tradicionais, considerando a classe dos nexos gramaticais, resolvemos denominar as preposições acidentais/atípicas de “relatores circunstanciais”: “relatores” porque continuam relacionando termos/orações, desempenhando sua função de nexo gramatical, e “circunstanciais” porque, como transpositores, originam construções dessa natureza.

## Considerações finais

Além dos elementos analisados, neste artigo, vale dizer também que, com base nos dados, itens de outras categorias dos nexos gramaticais podem gramaticalizar-se como relatores circunstanciais, inclusive as preposições. Podemos citar a preposição *sem* ou até mesmo o *para*, que originalmente, como preposição, desencadeia o sentido de “meta” (WIEDEMER, 2013), mas como relator circunstancial, tem a função adverbial de finalidade. Vale dizer que a pesquisa ainda é bastante embrionária; outros estudos, mais abrangentes, devem ser feitos com o objetivo de identificar que outras classes podem servir também de relatores adverbiais no português brasileiro.

Assim, coadunando com Castilho (2010) e Ramos e Silva (2014) sobre a classe dos nexos gramaticais, advogamos que existem subclasses, quais sejam: advérbios, desempenhando o papel de conectores textuais; as conjunções, exercendo a função juntiva; as preposições (espaciais ou inerentes), que estabelecem relações entre termos da oração; e relatores circunstanciais/adverbiais, que fazem relação tanto entre termos quanto entre orações, mas desencadeiam no elemento subsequente a função circunstancial, todas formando um *continuum* categorial.

Para ilustrar nosso pensamento, fornecemos nossa representação dos Nexos Gramaticais, Figura (1), abaixo.

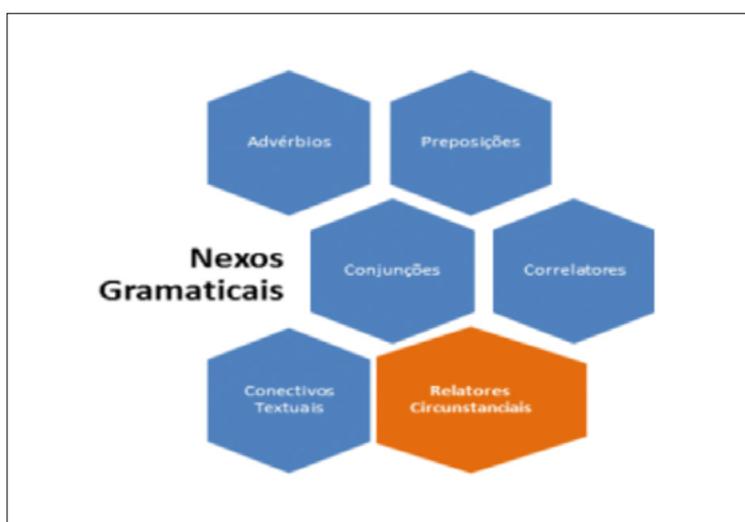


Figura 1. Representação dos Nexos Gramaticais

Nela está representada a classe dos correlatores, objeto de estudo de Rosário (2012), juntamente com as preposições, que, segundo Castilho (2010) e Wiedemer (2013), também fazem parte dos Nexos Gramaticais, além dos advérbios, incluídos nesse grupo por Ramos e Silva (2014). Também estamos considerando integrante dos Nexos Gramaticais os conectivos textuais (SOUZA, 2009) e as conjunções, que são os elementos prototípicos desse grupo. Somado a essas classes, portanto, como outro integrante desse grupo, estamos considerando a classe dos “relatores circunstanciais”, que conforme já dissemos, são “relatores” porque continuam relacionando, desempenhando sua função denexo gramaticai, como os demais, mas especificamente sabemos que, como transpositores, originam construções circunstanciais.

## Referências

- AZEVEDO FILHO, L. A. **Gramática básica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1966.
- ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 32. ed. São Paulo: Saraiva, 1983.
- AZEREDO, J. C. de. **Fundamentos da gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [2000] 2004.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (Eds.). **Usage-based models of Language**. Stanford: CSLI Publications. 2000.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 28. ed. São Paulo: Editora Nacional, [1974] 1983.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BASÍLIO, M. **Formação de classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2004.
- BROCKELMANN, C. **Grundriß der vergleichenden Grammatik der semitischen Sprachen**. 2, Bde. Berlin: Reuther & Reichard, 1908-13.
- BYBEE, J. L. From usage to grammar: the mind’s response to repetition. **Language**, Washington, n. 82(4), p. 529-551, 2006.
- BYBEE, J. L. Usage-Based Theory and Exemplar Representations of Constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, p. 49-69, 2013.

- CAMACHO, R. G. A classe de palavras na perspectiva funcional. In: CAMACHO, R. G. **Classe de Palavras na Perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**: o papel da nominalização no continuum categorial. São Paulo: Editora da Unesp, p. 29-51, 2011.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.
- CUNHA, C. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- FORTES, F.S.; MOURA, M. Z. As fronteiras categoriais entre preposições e advérbios nas *Institutiones grammaticae* de Prisciano (séc. VI): convergências entre o discurso gramatical latino e a Linguística Funcional Centrada no Uso. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 47-66, 2019.
- GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979
- GONÇALVES, S. C. L. **O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo**: relatório científico final à FAPESP. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2007.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Proceedings of Berkeley Linguistics Society**, v. 13, p. 139-57, 1987.
- LANGACKER, R. W. A usage-based model. In: RUDZKA-OSTYN, B. (Ed.) **Topics in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, p. 127-161, 1988.
- LEHMANN, C. Grammaticalization of Semitic case relators. In.: OLOMO LETE, G. del (Ed.). **Proceedings of the 3<sup>rd</sup> IACS Meeting**, Turin, 3-5 out., 2008. (Aula Orientalis 29), Barcelona, 2011.
- LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**. 3. Ed. Berlin: Language Science Press (Classics in Linguistic, 1), 2015.
- LUCERO, M. V. P. Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**, 3 vols. Espasa-Calpe, Madrid: Espanha, 1999.
- LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986.
- LUFT, C. P. **Gramática resumida**: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1988.
- LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. São Paulo: Ática, 2002.

- MARTELOTTA, M. E. Gramática tradicional. In: MARTELOTTA, M. E. et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, [1999] 2011.
- NEVES, M. H. M. A análise funcionalista e o estabelecimento de quadros categoriais na gramática. **Revista Estudos da Linguagem**, v. 20, n. 1, p. 99-117, jan./jun. 2012a.
- NEVES, M. H. M. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola, 2012b.
- OLIVEIRA, J. O. N.; OLIVEIRA, M. R. de. O particípio presente em cartas de Bernardo de Claraval: mudanças e conservação na língua portuguesa. **Confluência**, Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 35, p. 99-127, 2009.
- OLIVEIRA, M. P. P. **Relatores Circunstanciais: a gradualidade categorial das preposições acidentais**. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.
- OLIVEIRA, M. P. P. **Funções semântico-pragmáticas das construções conformativas oracionais: uma análise centrada no uso**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, 2018.
- PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.
- POGGIO, R. M. G. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista**. Bahia: EDUFBA, 2002.
- RAMOS, M. A. B.; SILVA, C. R. Hipotaxe adverbial e gramaticalização: a função juntiva de advérbios e preposições em artigos de opinião. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL)**, v. 12, n. 22, p. 80-97, 2014.
- RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- RIBEIRO, E. C. **Serões gramaticais ou nova gramática portuguesa**. 5. ed. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1950.
- RIBEIRO, M. P. **Gramática aplicada da língua portuguesa**. 17. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2007.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2011.
- ROSÁRIO, I. C. **Aspectos Sintáticos e Semânticos do Como na Linguagem Padrão Contemporânea**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

ROSÁRIO, I. C. **Expressão da Concessividade em Construções do Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). Niterói: UFF, 2012.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. Edição Ver. e Coment. por Evanildo Bechara. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SALOMÃO, M. **Polysemy, aspect and modality in Brazilian portuguese**: the case for a cognitive explanation of grammar. (Doutorado em Linguística). Graduate Division of the University of California at Berkeley, 1990.

SOUZA, E. R. F. **Gramaticalização dos itens linguísticos 'assim', 'já' e 'ai' no português brasileiro**: um estudo sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Campinas: Unicamp, 2009.

TRAUGOTT, E. C; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VOIGT, R. Die Präpositionen im Semitischen - Über Morphologisierungprozesse im Semitischen. In.: EDZARD, L.; NEKROUMI, M. (Eds.), **Tradition and innovation; norm and deviation in Arabic and Semitic linguistics**. Wiesbaden: O. Harrassowitz, p. 22-43, 1999.

WEDEMER, M. L. **Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. UNESP-São José do Rio Preto, 2013.

WIEDEMER, M. L. Para uma visão conceptual das preposições que complementam verbos de movimento no português brasileiro. **Veredas**, p. 102-122, 2014.